

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular (G) Class.: 86

Data: 26.01.85 Pg.: _____

Índios e fazendeiros em trégua até 4^a

4468

■ Pelo menos até quarta-feira, dia 30, não haverá confronto armado entre índios e brancos em Tocantinópolis, no Norte de Goiás. Isto foi reafirmado ontem durante encontro das lideranças indígenas com o secretário de Segurança Pública, José Freire, e o superintendente da Funai, Gerson Alves. Os índios, porém, repetiram sua disposição: vão demarcar os 148 mil hectares que pretendem, com ou sem autorização federal. Aguardam apenas a reunião do dia 31, quando deverão conhecer a posição do governo sobre o caso.

■ Tocantinópolis amanheceu ontem enfeitada de faixas com protestos contra a pretensão dos índios e acusando a Funai de estar conivente com a Companhia Vale do Rio Doce, que opera na região e é acusada de fomentar a disputa. O governador Iris Rezende garante que a ordem será mantida e os interesses individuais, serão preservados em Tocantinópolis. Iris afirma encarar o confronto como "um fato comum no seio da sociedade". Tanto os índios como os posseiros, pondera o governador, "lutam por seus interesses". (Pág.6)



Telefoto Hélio Nunes

Os Índios buscaram um território neutro para a conferência com o Secretário de Segurança, José Freire

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular (Gr) Class.: AGR00086 (sem.)

Data: 26.01.85 Pg.: _____

Brancos e índios combinam uma paz provisória

(Tocantinópolis (da enviada especial Conceição Freitas))
— Na próxima quarta-feira, caso os índios não abram mão dos 148 mil hectares que pleiteiam, é possível que o confronto armado entre eles e a população branca de Tocantinópolis, já tantas vezes evitado, se torne realidade. Pelo menos até este dia permanece calmo o clima aqui, a 1.280 quilômetros de Goiânia. Ontem, a população armada não saiu às ruas, satisfeita com a temporária paralisação das picadas pelos Apinajé. Mas, na aldeia São José, onde líderes das nações Xavante, Xerente, Kraô, Tchucaramãe, Canela, Calapó, Tchuxa e Funio estão reunidos em solidariedade a seus parentes Apinajé, se não há intenção de iniciar um confronto armado, há uma só convicção: os índios não desistem dos 148.600 hectares e por eles vão guerrear, se preciso for.

Essa disposição ficou bem definida ontem pela manhã, quando as lideranças indígenas das nações presentes na aldeia São José reuniram-se e foram unânimes em afirmar que, se "o governo não quer fazer, nós vamos fazer. A terra é do índio". A demarcação começa pelas picadas nos pontos considerados referência histórica. Segundo o cacique Francisco, Apinajé, seu povo está "deixando muitas partes que foi dos índios".

ESPERA

O cacique Gerson Xavante, caracterizado com adornos de guerra, foi um dos que tiveram que fugir da perseguição dos fazendeiros armados, anteontem. O líder indígena lembrou que seu povo, apesar de ter alterado seu vestuário e algumas outras características de sua cultura, ainda come sem sal e, quando passa o dia inteiro sem se alimentar, come casca crua. O cacique concorda com seus parentes ao decidir esperar o resultado do dia 31, mas diz que se houver conflito entre índio e branco, seu povo vai entrar na luta. "Nosso povo é guerreiro. Nós nunca perdemos o costume de comer carne crua. Podem matar a gente, mas aquele que escapar vai comer o miolo e a carne do branco. Vai fazer cula da cabeça do branco para as crianças tomar água".

Estavam todos enfeitados, ontem pela manhã, quando cada um dos líderes das várias nações presentes falou aos repórteres. Até as crianças estavam pintadas e as mulheres, que de início preferiram não sair de suas casas, temendo os estranhos, surgiram prontas para a guerra.

O cacique Celestino veio de sua aldeia no Mato Grosso e disse que só sairá da aldeia São José quando a área estiver demarcada. Ele aguarda a chegada de mais 60 guerreiros de sua nação para defender os Apinajé. "Os brancos de Tocantinópolis ainda não experimentou os índios Xavante. São os mais fortes de toda nação indígena".

Francisco, o cacique Apinajé na aldeia São José, também falou. "Os senhores estão vendo todos os meus parentes, meus irmãos, meus amigos. Eles não estão aqui para brigar, atacar a cidade, expulsar fazendeiros, atacar posseiros. Estão aqui para fazer demarcação. Os brancos, estes políticos, estão querendo terra para a nação deles. Quando o branco chegou aqui, já havia o índio aqui. O índio não quer brigar, mas como eles vêm, o índio pode ser obrigado a se defender. Eu só quero a terra e o decreto".

TEMOR

A chegada de líderes indígenas de outras nações fez aumentar o temor da população, mesmo daqueles que preferem não entrar na briga. "Estou com medo da guerra", confidenciou uma jovem funcionária pública. No povoado de Passarinho, a dez quilômetros de Tocantinópolis, o receio é maior. Famílias estão deixando suas casas, temendo que haja um confronto exatamente naquele local. E que uma das picadas que delimitam a área pretendida pelos índios fica a dois quilômetros do povoado. Foi lá que quase se inicia uma batalha, anteontem à tarde, quando três índios tiveram que se embrenhar mata adentro, sob tiros disparados pelos brancos.

Tanto índios quanto não índios estão céticos quanto à ação do governo federal e do governo estadual. Na reunião dos brancos, que queriam ir até o local onde estavam os índios, não faltaram críticas ao governador Iris Rezende e ao secretário de Segurança Pública, José Freire, o porta-voz da população de Tocantinópolis. Eles, os não índios, garantem que na região não há grileiros, nem invasores, nem pretensos donos de terra. "Todos nós temos títulos definitivos", garantiu um deles.

Os fazendeiros armados foram transportados até as proximidades da aldeia por carros particulares e dois caminhões da prefeitura. Uma barreira de policiais militares, no trevo da Transamazônica com a rodovia que liga Tocantinópolis a ela, permanece a postos. Pra lá não passa branco, pra cá não passa índio. E o paredão, segundo o coronel PM Renato, comandante do destacamento de Araguaína. Para ele, "se nós tivéssemos condições de tirar esses índios daqui, nós tiraríamos".

Raoni não abre mão

A reunião de ontem à tarde do Secretário de Segurança Pública, José Freire, com o superintendente da Funai, Gerson Alves, e o cacique Raoni, não trouxe nenhum resultado imediato. Os índios repetiram a Freire sua disposição: vão demarcar os 148 mil hectares com ou sem autorização federal e esperam apenas a reunião do dia 31. Para uma conversa rápida, o cacique Raoni, junto com outras lideranças indígenas, reuniram-se com José Freire em um território neutro, o entroncamento da Transamazônica com a rodovia que dá acesso a Nazaré.

Acompanhando o Secretário de Segurança Pública estavam os comandantes dos destacamentos da PM de Araguaína, coronel Renato, e de Gurupi, coronel Valadares, e o assessor da Polícia Militar junto à SSP, coronel Batista, e ainda alguns policiais civis que levavam no carro duas escopetas. Acompanhando os líderes indígenas, um caminhão de "guerreiros". Mas não houve qualquer clima que pudesse gerar alteração de ânimos.

ENFEITES

A cidade de Tocantinópolis amanheceu ontem enfeitada com faixas protestando contra a pretensão dos índios e acusando a Funai de estar sendo testa de ferro da Companhia Vale do Rio Doce. O Superintendente da Funai, sobre este assunto, disse que a CVRD tem interesse na questão devido a um convênio que estabelece a assistência aos índios, convênio este feito entre ela e a Funai.

O secretário José Freire lembrou ao representante da Funai, o cacique Raoni, que a presença do padre Aristides Camio foi considerada estranha. "Ele veio criar problemas com intuito de tumultuar". Diante dessa afirmação ninguém fez comentários. Quanto ao conflito, Raoni reafirmou: "Se for preciso eu tenho que morrer junto com meu povo". Ontem à noite o secretário José Freire reuniu-se com lideranças políticas e os fazendeiros que possuem terras na área pretendida pelos índios, quando então a população de Tocantinópolis teria tomado uma posição com relação ao conflito.

Iris garante a ordem

O governador Iris Rezende disse ontem, em entrevista à imprensa, que a ordem pública será mantida e os interesses individuais serão preservados na região de Tocantinópolis, onde índios e fazendeiros disputam uma área de mais de 100 mil hectares.

Segundo o governador, o Estado fará o que estiver ao seu alcance para impedir o acirramento do conflito. Iris disse encerrar o confronto como um "fato comum no seio da Sociedade".

— Tanto os índios como os posseiros estão lutando por seus interesses. Cabe ao poder público encontrar ponto de equilíbrio entre as partes para que nenhuma delas tenha seus direitos prejudicados. Por isso é que determino que o secretário da Segurança, José Freire, e o comandante da Polícia Militar, Alvaro Alves, fossem para a região.

Há pouco mais de um mês o governador Iris Rezende foi procurado pelo presidente da Funai, Nelson Marabuto, que pediu sua intervenção para impedir o agravamento do conflito. Na época, Iris garantiu que tomaria todas as providências necessárias, embora já tivesse dito, em outras ocasiões, que não iria interferir no problema.

Ribamar acusa multi

Apelando para as autoridades e dizendo-se muito preocupado com o destino de Tocantinópolis, o ex-prefeito da localidade Ribamar Marinho discorreu sobre a história da chegada dos índios Apinajé à região e sobre o início dos atritos. Para ele, a população branca e a indígena estão sendo prejudicadas "em favor de interesses escusos de uma multinacional, a Vale do Rio Doce, que tem usado a tribo para causar revoltas entre o povo e conseguir, dessa forma, favorecer-se na demarcação de terras".

Ribamar defende a ideia de que a multinacional é a grande culpada de todos os conflitos. De acordo com o ex-prefeito, outro fato que comprova isto "é o próprio aparato que está sendo utilizado pelas tribos, como tratores e helicópteros". "Os fatos mais preocupantes são notados quando se verifica, através dos jornais, declarações de uma entidade completamente desconhecida na região — Instituto Brasil Central que nada têm a ver com a verdade, já que eles desconhecem o problema in loco".

Segundo explicou, os Apinajés chegaram ao município no começo do século e sempre foram de índole pacífica, convivendo harmoniosamente com a comunidade. "Até casamentos foram realizados entre os membros da aldeia e a população branca, além de festas conjuntas. Mas tudo mudou com a criação da Funai, já que a primeira providência foi afastar os índios da civilização e proibir a entrada de brancos nas aldeias". Ribamar ressaltou que a partir daí, começou a circulação de membros da Funai e pessoas da Vale do Rio Doce, criando inúmeros problemas para os moradores da cidade, "milhares de pessoas pobres e sem condições de encontrar moradia em outras localidades".